

SOCIOLOGIA E LITERATURA: ENTRE A CIDADE E A CIDADE ILHADA

*Maria Lucia de Amorim Soares**

*Leandro Petarnella***

Recebido: jan. 2010

Aprovado: maio 2010

- * Doutora em Ciências: Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP/SP). Professora do Programa de Pós-Graduação e Doutorado em Educação da Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, Brasil.
E-mail: maria.soares@prof.uniso.br
- ** Doutorando em Educação pela Universidade de Sorocaba e em Administração pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Professor na Universidade Nove de Julho (UNINOVE). São Paulo, Brasil.
E-mail: leandro_66@hotmail.com

Resumo: Vincular a cidade à *Cidade Ilhada* de Milton Hatoum, livro de contos cujo universo é Manaus, é exercitar um trabalho fronteiro, com vistas a revelar como Sociologia e Literatura fundem-se. No caso, a cidade como cenário por excelência da Literatura e a Sociologia como meio pelo qual a cidade se arma e se mostra. Enquanto como a Sociologia grifa no livro-cidade recorrências, simetrias, ambiguidades, hipóteses... a Literatura propõe na cidade-livro, acionar espaços e temporalidades, experimentando uma vertigem entre a ficção e não-ficção, entre o vazio volumétrico e o empilhar de horizontes, sabendo que não devemos confundir a cidade com o discurso que a representa. Sabendo, ao mesmo tempo, que “para onde vou, Manaus me persegue”.

Palavras-chave: Cidades. Literatura. Sociologia.

SOCIOLOGY AND LITERATURE: BETWEEN THE CITY AND THE ISLAND TOWN

Abstract: To bond to a city, Milton Hatoum, “The Island City” of Manaus, is an exercise for a frontier work-out to reveal as the Sociology and the Literature, meyed each other. In this case, the city as a scenery by excellence for Literature, and the Sociology as a way it arm and disclose. While as Sociology, it emphasizes the recurrences, symmetries, ambiguities the hypothesis... Literature proposal of this city book is to activate spaces and temporalities, experimenting a vertigo between fiction and non-fiction, of horizons, knowing that we can not mess the city with the speech which represents it. Knowing, as the same time, that “where I go, Manaus chases me”.

Key words: Cities. Literature. Sociology.

A experiência literária é dona de um caráter paradoxal pelo fato de tornar possível o questionamento da oposição entre o real e ficcional. Segundo Wolfgang Iser (1996) para que se rompa com esse sistema de oposições é imprescindível que se conceba uma relação que incorpore uma terceira noção, cuja presença redefina o papel dos outros dois termos. Esse terceiro ingrediente é o imaginário. Na tríade, importa o cunho relacional dos termos, o que torna impossível que se estabeleçam fundamentos, mas a rigor, porém, pode-se dizer que o real corresponde ao “mundo extra-textual”; que o fictício se manifesta como ato, revestido de intencionalidade e que o imaginário tem caráter difuso, devendo ser compreendido como um funcionamento.

A adoção da perspectiva aberta pela tríade justifica-se pela tentativa de se evitar o embate que contrapõe a *perspectiva formalista* - cuja premissa básica é de haver uma especificidade no modo como a linguagem literária se configura, premissa verificável, por exemplo, no formalismo russo, na fenomenologia, na estética, no estruturalismo, entre outros – à *perspectiva sociológica* ou culturalista – a qual se esforça para entender a Literatura em seu vínculo com fatores históricos e sociais, como ocorre na Sociologia da Literatura, na estética da recepção e nos estudos culturais. Conforme Brandão (2005, p. 10), pode-se reconhecer, nessa tensão

a luta entre o legado romântico - idealista, que advoga a autonomia da obra de arte, cuja negatividade se manifesta especialmente no universo das formas, e o legado realista – positivista, que concebe a obra como reflexo do mundo, sobretudo por meio dos conteúdos sociais que é capaz de veicular.

Ao pensar, então, a Literatura, como produto humano, entendida como operação que converte a plasticidade humana em texto, é possível observar o indiscernível jogo no qual a realidade, ficção e imaginário só se determinam relacionadamente.

Benedict Anderson (1989) define nação como comunidade política imaginada. Nesse caso, pela ênfase na comunidade política, é o substrato de realidade nação que se sobressai. Mas, se ressalta que é a imaginação que constitui uma comunidade como comunidade, é o imaginário da nação que ganha destaque. Se, por fim, as comunidades se imaginam de determinada forma, com um estilo de feições distintivas, é o ato de ficção –

ao mesmo tempo *realizador* do imaginário nacional e *imaginador* da realidade nacional, que fica em primeiro plano. Mas, naturalmente, há formas literárias e não – literárias de se imaginar comunidades, já que as ficções não só existem como textos ficcionais. (BRANDÃO, 2005, p. 12)

As ficções desempenham “um papel importante tanto nas atividades do conhecimento, da ação e do comportamento, quanto no estabelecimento de instituições, de sociedades e de visões de mundo”. (ISER, 1996, p. 23 - 24). Contudo, é inegável que, pelo fato de explicitarem sua condição de ficcionalidade, as ficções literárias deixam patente o jogo no qual a plasticidade humana revela seus sentidos.

Daí que, hoje, para se falar de nação é imprescindível que se fale de cidade, forma de organização social mais tipicamente contemporânea e que melhor representa a maneira como o homem atual se relaciona com o espaço e o tempo. A cultura, no mundo contemporâneo é, fundamentalmente urbana, instigando uma intensa perturbação no conceito de cidade e, por conseqüência, no conceito de identidade cultural. “É para as cidades que os migrantes, as minorias, os diaspóricos vêm para mudar a história da nação”, afirma Homi Bhabha (1990, p. 319-320). Na cidade, especialmente nas metrópoles, os limites da nação reproduz-se, entram em embate, reconfiguram-se. Na cidade, os imaginários nacional e urbano se interpenetram.

Não é aleatório, portanto, o fato de uma cidade surgir não apenas como cenário para o desenrolar de um enredo, mas como referência privilegiada, como agente determinante de significação da narrativa como um todo, a cidade como personagem. No caso da obra de Milton Hatoum, isso ocorre em *Relato de um Certo Oriente*, *Dois Irmãos*, *Cinzas do Norte*, seus poucos romances, na mescla *Órfãos do Eldorado*, nos contos breves da recente publicação *A Cidade ilhada* – simplesmente a cidade de Manaus, sua Manaus que é uma anti-Manaus. No coração da Amazônia, cercado pela floresta cerrada, Milton Hatoum é um escritor urbano, usando o traço regional de modo apenas epidérmico – demarcador da ilha cultural a qual as personagens pertencem, e a floresta como fonte de constrangimento e mistério. É o autor urbano de uma cidade portuária, cosmopolita

cravada no coração da floresta que mais remete e irradia lugares – comuns de uma vida cotidiana marcada pelo caricato mais turisticamente selvagem: a bijuteria indígena, a onipresença da floresta, a vida lenta e esvaziada. Dessa forma, Manaus é uma cidade ilhada por um imaginário nacional que Hatoum apropria e desconstrói para simplesmente erradicá-la sem clemência de seu mapa ficcional ou sensivelmente retrabalhá-lo em chave irônica, positiva. (JATOBÁ, 2009, p. 17)

O espaço da cidade tende ser “lugar nenhum”, quase um “vazio” de percepção, nulidade de referências que torna impossível qualquer enraizamento, produzindo um estado de suspensão de vínculos entre o indivíduo e o que está a seu redor. Nas palavras de Henri Lefebvre (1976, p. 242), historicamente

a cidade sofreu um processo de implosão-explosão, cresceu e se concentrou, mas ao mesmo tempo se dispersou em suas periferias, seus bairros cada vez mais distanciados. Ocorre o mesmo com o espaço nacional: “implode”, se divide em regiões e “explode”, quer dizer se mescla com outros espaços nacionais em uma interferência concreta.

O processo de implosão – explosão é vivido de modo difuso e fragmentário pelo habitante da cidade, numa percepção de mutabilidade contínua e da metamorfose incessante. Existem mesmo muitas imagens para uma cidade, ainda que todas levem o mesmo nome: Manaus. Isso é garantia de que a cidade existe? Não, não é. Ao contrário: a multiplicação de imagens ameaça essa convicção e põe em dúvida os mapas oficiais.

Na aparência, os relatos de *A Cidade Ilhada* têm como objeto a mesma cidade: Manaus, afirma José Castello (2009, p. 04) perguntando em seguida: Mas será? “a Manaus em que três amigos, Minotauro, Gerinélson e Tarso, frequentam um bordel (no primeiro conto, “Varandas da Eva”) será a mesma em que Porfíria e Minalvo se apaixonam (no último conto, “Dançarinos na última noite”)”? Indaga ainda, desenvolvendo reflexões:

será mesmo de Manaus, a cidade do Amazonas, só porque o escritor nela nasceu, que tratam as narrativas de Milton Hatoum? É verdade: elas dão muitos saltos para longe dali. Em “Uma carta de Bancroft”, por exemplo, o narrador, numa visita à biblioteca de Bancroft, em São Francisco, nos Estados Unidos, encontra uma carta de Euclides da Cunha ao amigo Alberto Rangel. O escritor relata um sonho – com um certo Godinau, que queria urbanizar a Amazônia – e uma cena – o enterro de um policial, morto pelo amante da mulher. Também Euclides da Cunha morreu, no ano de 1909, nas mãos do cadete Dillermano de Assis, amante de sua esposa Ana. A carta não é mencionada na correspondência de Euclides, o narrador constata. Em quem confiar? Na carta de origem duvidosa? Na morte do PM, que só antecipa uma segunda morte? Ou no sonho, que antevê um pesadelo de devastação da floresta que, desde então, assistimos?

É num universo embaçado que Hatoum se move. Escreve seus contos aco- plados à vida cotidiana, em duas ou mais histórias em paralelo até que, no final, o significado oculto de uma delas se sobressai. É um recurso deliberado e está, por exemplo, em *Um oriental na vastidão*, que inicialmente parece tratar da visita de um japonês apaixonado pelo Rio Negro, mas na verdade o que se sobressai é a morte dele. Um breve resumo explicita esse conto: uma professora do Amazonas é escolhida para derramar as cinzas de um cientista japonês, Kazuki Kurokawa, nas águas do Rio Negro. No passado ela o escoltara em sua única visita ao rio. Naquele dia, o professor lhe deu um rolinho de papel-arroz com ideogramas. Estava escrito: “no lugar desconhecido habita o desejo”. Kurokawa prenunciava o choque que, anos depois, sacudiria a professora, escolhida para executar, por motivos que desconhecia, seu desejo fúnebre. Por que o Rio Negro? Que parte da alma do cientista japonês ali se conservou? Não existem fronteiras entre as águas do rio e os sonhos do professor.

Em “Dois poetas da província”, dois homens, Zéfiro, o velho mestre, e seu jovem aluno Albano, têm as almas misturadas. Albano está de partida para Paris. Aos 88 anos, o mestre o acompanhou em um almoço de despedida. O professor lhe diz: “Um jovem encara a velhice como se fosse uma pura abstração. E eu vejo a juventude como uma quimera”. Há, de novo, uma bruma, que impede que os dois homens se vejam. O velho volta para casa. Recita poemas de Lamartine, repassa de cor as ruas de Marais e da Bastilha, e contempla um mapa de Paris – onde nunca esteve. Quem habita Paris: o jovem que nele chega ou o velho que nela nunca chegará? É disso que escreve Hatoum, levando Castello (2009) a perguntar, tendo como referência a configuração da cidade como “lugar nenhum”: Paris (como Manaus) é uma cidade, ou um sonho que Zéfiro (como Hatoum) carrega dentro de si?

Rios, margens incertas que se ramificam em várias direções, tecem um desenho complexo, rabiscos que se infiltram na solidez da terra, levam a narradora de “A natureza ri da cultura” perguntar a Felix Delatour, um professor de francês que trocou a Bretanha pelo Amazonas: “Por que morar em Manaus, essa cidade ilhada, talvez perdida?” Para Delatour, viajar era uma maneira de viver em tempos distintos. Uma maneira de ter duas vidas, e talvez nenhuma. Como a paixão do velho Zéfiro por Paris, também o amor de Delatour por Manaus começa com um mapa. O que eles verdadeiramente amam: as cidades, ou as representações em que são aprisionadas?

Nas palavras de Castello (2009) “Paris está onde não está. De Manaus se pode dizer o mesmo. Cidades não são lugares que habitamos, mas idéias que carregamos”. Vivem à deriva, sempre no limite da realidade:

Dez anos depois, a narradora do conto fica sabendo que Delatour (como Kazuki Kurokawa, no outro conto) também subiu o Rio Negro e desapareceu. Volta à casa do velho, agora em ruínas. Na parede encontra apenas uma inscrição: “A natureza ri da cultura”. É com grande esforço, comovente e inútil, que a cultura luta para dominar o que existe. (p. 4)

Desafiadora, não se trata mais da natureza harmoniosa e boa desvelada nos textos escolares, nos filmes bíblicos e nas agendas dos ecologistas. Mas sim, de uma natureza imprevisível, dentro da qual a vida se agita. Adverte José Castello (2009, p. 4) “Uma natureza estranha e negra – exatamente como o rio onde os dois heróis de Hatoum desaparecem. A mesma tensão escura com que precariamente, Hatoum ousa escrever o nome Manaus”.

No percurso topográfico que demarca, o escritor revela como os contos implicam uma não rejeição do saber social. De modo que, para ficarmos no âmbito da cidade, vincular a cidade à cidade ilhada de Milton Hatoum é exercitar um trabalho fronteiro, movido por deslocamentos contínuos, fluídos, circulares. Assim, literatura e cidade não só convergem como se fundem: a cidade é o cenário por excelência da Literatura e a Sociologia é o meio pelo qual a cidade se arma e se mostra.

No universo da linguagem tudo é possível, uma vez que tudo pode ser criado por ele. E os sentidos devem ser construídos permanentemente e constantemente renovados, pois é de sua natureza a fragilidade e a perenidade. A Literatura então é um instrumento de resistência, de sobrevivência e de liberdade. Ler a cidade é reescrevê-la, ou seja, senti-la e traduzi-la imaginariamente, num processo constante de literaturização. Para tanto, voltar ao passado pela memória é escolher fragmentos que lá estão, é a tentativa de juntar os fragmentos que se cindiram pelo vendaval do progresso industrial. Voltar ao passado é discutir questões que já estão de certo modo enterradas, mas como estratégia de instituir um mundo partilhado, contra o individualismo recorrente do sistema capitalista.

A Literatura, como discurso que circula na sociedade que a define, que a avalia, que a questiona, que nela interfere surge como um lugar onde o poder poético e o poder político se confundem. Não fosse isso, escritores em todos os tempos não estariam entre os mais perseguidos pelos regimes e governos que questionam cujas faltas contra o povo foram denunciadas através do riso, da sátira, da ironia ou simplesmente pelo gesto simples de representar uma circunstância, Daí o poder irrefutável da ficção. (MAQUÊA, 2007)

A decisão de escrever de um escritor tem origem numa determinada realidade social para reconstruir uma possibilidade de futuro. O desejo que move a escrita é o desejo de um mundo diferente deste que aí está. Para falar da cidade

o sociólogo e o escritor pensam segundo uma perspectiva gramatical, de caráter mutável e irregular, núcleo de leis básicas que regem o funcionamento da cidade privilegiando um ímpeto ordenador. A Sociologia grifa no livro-cidade recorrências, simetrias, regularidades, desconfianças, ambiguidades, tradições, crises, hipóteses, técnicas, informações, significados, perplexidades... A Literatura propõe na cidade-livro, acionar espaços e temporalidades paralelas e experimentar a vertigem poética entre a ficção, entre o vazio volumétrico e o empilhar de horizontes, sabendo (como Marco Pólo de *As cidades invisíveis*), que nunca devemos confundir a cidade com o discurso que a representa, mas, ao mesmo tempo, “para onde eu vou, Manaus me persegue”. (HATOUM, 2009, p. 20)

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- BHABHA, Homi. **Nation and narration**. Londres; Nova York: Routledge, 1990.
- BRANDÃO, Luis Alberto. **Grafias da identidade**. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Lamparina, 2005.
- CASTELLO, José. Manaus não existe. **O Globo, prosa e verso**, Rio de Janeiro, p. 4, 21 fev. 2009.
- HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**. Rio de Janeiro: EDURJ, 1996.
- JATOBÁ, Vinícius. A anti – Manaus de Milton Hatoum. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 mar. 2009. Caderno 2 – Cultura.
- LEFEBVRE, Henri. **Tiempos equívocos**. Barcelona: Kairós, 1976.
- MAQUÊA, Vera Lucia. **Memórias inventadas: um estudo comparado entre Relato de um Certo Oriente, de Milton Hatoum e Um Rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra, de Mia Couto**. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

